

En Machado, Otávio Luiz. y Groppo, Luis Antonio, *Juventude e Movimento Estudantil: Ontem e Hoje*. Recife-PE (Brasil): UFPE.

Movimento Estudantil na Antiga Escola de Minas de Ouro Preto da UFOP entre 1964 e 1969UFPE.

Machado, Otávio Luiz.

Cita:

Machado, Otávio Luiz. (2008). *Movimento Estudantil na Antiga Escola de Minas de Ouro Preto da UFOP entre 1964 e 1969UFPE*. En Machado, Otávio Luiz. y Groppo, Luis Antonio *Juventude e Movimento Estudantil: Ontem e Hoje*. Recife-PE (Brasil): UFPE.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/otavioluizmachado/30>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/pezx/3Fq>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

MOVIMENTO ESTUDANTIL NA ANTIGA ESCOLA DE MINAS DE OURO PRETO DA UFOP ENTRE 1964 E 1969¹

Otávio Luiz Machado

Introdução: Juventude e movimento Estudantil no debate sociológico

Os movimentos estudantis são movimentos de juventude, que buscam intervir em instituições buscando alterar a situação existente, bem como intervir na formação de sujeitos visando à sua participação, envolvimento ou adesão a um ou vários projetos de sociedade. A forma de atuar e de impor questões a serem tratadas também dimensiona o alcance do movimento estudantil.

Utilizamos como referencial ou marco teórico deste estudo a Sociologia da Juventude de Marialice Mencarini Foracchi, levando-se em consideração que sua obra explica a participação do jovem universitário no debate das questões gerais da sociedade e da universidade naquele contexto, assim como retrata a juventude nas sociedades modernas.

No seu principal trabalho, *O estudante e a transformação da sociedade brasileira*, a autora ao apresentar os principais resultados de sua tese - uma pesquisa sociológica sobre os estudantes paulistas buscando determinar o significado da ação estudantil na sociedade brasileira -, constatou que a opção por uma carreira profissional tinha uma influência muito forte da família, pois daí que vinha o estímulo para a busca de garantia da posição social a ser conquistada ou mesmo a aquisição de melhores condições para preservá-la. O movimento estudantil é analisado a partir das deficiências da formação universitária, que se transforma numa força radicalizadora crucial (FORACCHI, 1972, p. 12).

O estudante é percebido como responsável pela transitoriedade das camadas médias, sendo o responsável pela manutenção ou ascensão social de seu grupo familiar. Foracchi ao buscar analisar os processos de transição para a vida adulta, o estudante como categoria

¹ O presente texto traz alguns resultados de três projetos que tiveram minha coordenação: *Reconstrução Histórica das Repúblicas Estudantis da UFOP*, *A Atuação do Diretório Acadêmico da Escola de Minas de Ouro Preto: entre o desenvolvimentismo e o radicalismo (1956 e 1969)* e *Corrente Revolucionária de Minas Gerais*.

social e o significado dos movimentos juvenis no mundo contemporâneo não se descarta da relação estabelecida entre as dimensões do presente e do futuro que marcam as trajetórias dos estudantes, onde o curso universitário torna-se um divisor de águas.

No presente texto, buscaremos analisar como mostrar a trajetória de um grupo de estudantes de uma instituição de ensino superior envolvido na construção de uma luta estudantil tinha como finalidade a melhoria do ensino. Algumas questões foram formuladas inicialmente: a) Quais tônicas permeavam o discurso estudantil? b) Como o golpe militar de 1964 tentou impedir a participação dos estudantes na transformação da sociedade brasileira?

A herança dos movimentos estudantis dos anos 1960 em Ouro Preto

A entidade estudantil que mais teve peso político na história do movimento estudantil da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) foi o Diretório Acadêmico da Escola de Minas (DAEM). Criado em 1931, teve sua primeira reunião em 1º de novembro de 1932. O DAEM realizou inúmeras atividades ao longo da sua história. Criou, em 1936, a Revista da Escola de Minas (existente até hoje), que é uma publicação técnico-científica na área de Engenharia, cuja comissão inicial foi composta de Jardel Borges, Raymundo Campos Machado, Walter José Von Gruger e Amancio Lemos Figueiredo.

O DAEM também esteve envolvido na organização do Restaurante da Escola de Minas (REMOP), criado em 1959, e cujos fundadores foram Francisco Carlos Pinheiro Faro, Euler G. Apolinário, Aziz Assi, Sérgio Bastos de Azevedo e Wilson S. R. Branco.

Para José Murilo de Carvalho

Desde a década de 1940, é provável que os alunos tenham sido o elemento mais dinâmico [da Escola de Minas de Ouro Preto]. A eles está afeta a publicação da Revista da Escola de Minas, hoje o único veículo de divulgação dos trabalhos científicos produzidos na Escola. Deles também foi a iniciativa de criar a SICEG, já mencionada, que até hoje mantém suas atividades" (CARVALHO, 1978, p. 143).

No trabalho do Professor José Murilo, que é a única obra acadêmica publicada sobre a História da Escola de Minas de Ouro Preto, ainda considerou que "após 1940, as atas da Congregação estão cheias de reclamações de alunos com relação à excessiva rigidez didática de professores, indo a greves e pedidos de afastamento de alguns" (*idem*).

Um dos primeiros documentos que ilustrou o clima de insatisfação dos estudantes é datado de 19 de maio de 1949 (ofício n.º 024-49/50), que foi encaminhado pelo Presidente do DAEM (Olimpio Garcia Brandão) ao Diretor da EMOP (Fleury da Rocha):

"O ambiente estudantil de Ouro Preto vive, de um lustre a esta data, revólto, inquieto, num verdadeiro clima de insatisfação. Primeiro, houve a eclosão do movimento grevista de 1945. Não teve, como é comum em movimentos desta natureza, causa próxima de real grandeza. Foi mais o epílogo de um surto de descontentamento pelo que havia de antiquado em nossos meios pedagógicos, no que se referia a material, métodos e meios de ensinar".

A partir dos anos 1950 e 1960, quando as lutas específicas dos estudantes ficaram mais próximas das suas lutas políticas, o movimento estudantil pôde avançar ainda mais como um ator social importante no debate sobre o ensino superior, a formulação de um ideário sobre a carreira do engenheiro, a constituição de novas relações sociais no interior de uma instituição de ensino superior e a construção de uma articulação entre Universidade e Sociedade.

A presença do movimento estudantil na questão da reforma universitária foi fundamental, sobretudo para denunciar o estado de subdesenvolvimento brasileiro e a pouca contribuição das instituições de ensino superior para a superação de tal quadro. O documento "A Situação Atual da Escola de Minas de Ouro Prêto" (25 de abril de 1962), que foi produzido durante a gestão do DAEM composta por Marcelo Guimarães de Mello, Luiz Fernando Duarte, Carlos Alberto Piacenza, Giovanni dos S. Carvalho e Nuri Andraus Gassani, traçou com uma riqueza de detalhes o debate entre a relação educação e sociedade na ótica estudantil:

"Não pode a E.M.O.P manter-se à parte do panorama Nacional, pois ela é parte integrante, e talvez fundamental, da infra-estrutura econômica que está sendo organizada e que deverá estabilizar-se no Brasil, afim de que este possa superar seu atual estado de subdesenvolvimento com a formação de uma indústria pesada que sirva de base para a total emancipação econômica de nosso país não podendo a Escola deixar de reconhecer essas imposições e passar a formar técnicos realmente capacitados a enfrentar com a realidade esse estado de coisas".

Também foi importante a atividade cultural produzida pelo DAEM nos anos 1960. Foi o caso do chamado Teatro da Escola de Minas que, para Osmar Alves de Oliveira Junior (Kelé), produziu peças

"O Festival de Inverno era uma coisa mágica, diferente. Vinham professores dos quatro cantos do mundo, para, durante o mês de Julho, ministrarem os cursos daquelas turmas maravilhosas, desenhando ao ar livre, tocando um instrumento, naquele clima natural de Ouro Preto da época, com seu "fog" constante em meio às esculturas, dividindo a praça e suas ruas com as pessoas e seus cobertores. Era um clima bem diferente daquele que a gente vivia durante o ano escolar. Por isso os festivais de inverno eram tão concorridos e maravilhosos durante um certo tempo. Uma coisa mágica mesmo. Nunca vou esquecer" (Depoimento de José Freitas Mucci - Tunai - a Otavio Luiz Machado).

Além de um ambiente cultural produtivo, também é fundamental ressaltar que o ambiente universitário de Ouro Preto (no período estudado) gravitava entre as suas duas escolas superiores: a Escola de Minas e a Escola de Farmácia. E havia um forte distanciamento dos estudantes entre si, assim como de ambos com a própria cidade. Ainda se vivia a elitização do ensino superior, e a discriminação entre as carreiras profissionais era um dos seus principais reflexos. Para Maculan:

"Uma coisa eu achei no meu tempo é que havia um preconceito nosso [dos alunos da Escola de Minas] contra a Escola de Farmácia. A gente achava que era um outro nível de escola, e não tinha o mesmo nível dos engenheiros. (...) Lá não se falava fácil com eles, não freqüentava os mesmos Centros Acadêmicos e as repúblicas não eram as mesmas(...) Uma coisa que eu sempre achei é que faltou grandeza na Escola de Minas neste sentido. Sinceramente eu digo que é uma coisa que o estudante já vem com essa influência: "engenheiro é uma coisa, farmácia é outra coisa" (Depoimento de Nelson Maculan Filho a Otávio Luiz Machado).

Havia ainda uma certa prevenção na ocupação das repúblicas estudantis, pois os estudantes de Farmácia não podia morar em repúblicas de estudantes de Engenharia e vice-versa (Seria bom ressaltar que tal divisão perdura em algumas poucas repúblicas de Ouro Preto ainda hoje). Por isso, havia pouca integração dos estudantes diante da supremacia de um curso sobre o outro. Com relação à população ouro-pretana o abismo era ainda maior:

"No meu tempo essa era minha visão. Eu era muito crítico em relação aos meus colegas, como o pessoal que xingava a noite. Haviam estudantes que abriam a janela e dizia um monte de palavrão. E achava isso lindo. E acordava todo mundo. Eu acho que era falta de

teatrais que buscavam chamar os estudantes para a realidade brasileira a partir do espaço escolar.

Além de atividades culturais organizadas pelos estudantes, a presença do Grêmio Literário Tristão de Ataíde (GLTA) na cidade de Ouro Preto, cujo líder espiritual foi o Padre Mendes Barros, foi um espaço encontrado por muitas lideranças estudantis para uma formação extracurricular. Para Victoria Barros, o GLTA era "como um lugar de convergência de todas as pessoas que vislumbraram e discutiam uma saída para a situação sócio-política-econômica que era vivida naquele momento" (Depoimento de Marco Antonio Victoria Barros a Otávio Luiz Machado). Para outro participante e um dos criadores do Jornal *A Voz do GLTA*, havia uma forte ligação dos membros do GLTA com o líder católico inspirador do Grêmio, Alceu Amoroso Lima, o Tristão de Ataíde. Ele acreditava no processo de mudança social com força do debate de idéias e das palavras (Depoimento de João Pignataro a Otávio Luiz Machado).

Embora sendo um grêmio literário, o GLTA despertou seus membros para uma atuação política efetiva:

"Por se tratar da principal entidade civil e cultural da cidade, com sede e importante biblioteca, o GLTA atraía uma juventude interessada na formação intelectual e artística. Embora sem finalidade política explícita, as atividades do GLTA despertavam naturalmente a consciência sócio-política e dali saíram as principais lideranças do movimento estudantil local, antes e depois do golpe militar de 64. Por isso, o GLTA passou a ser estigmatizado como 'antro de comunistas', na expressão da época" (Depoimento de Arnaldo Drummond a Otávio Luiz Machado).

Em 1967, Ouro Preto passou a vivenciar o Festival de Inverno (criado pela Universidade Federal de Minas Gerais), que cumpriu um importante papel em termos culturais e estéticos para todo tipo de movimento que ocorria no país. Um dos artistas e professores que esteve presente em praticamente todos os festivais, Jarbas Juarez, afirmou que Ouro Preto "se tornou o foco da cultura brasileira" (Depoimento de Jarbas Juarez a Otávio Luiz Machado), o que vai de encontro com a opinião de outro depoente, que afirmou ser o Festival de Inverno de Ouro Preto "o movimento cultural mais importante do Brasil no século passado" em termos de atividade extensionista de uma universidade (Depoimento de Maurílio Torres a Otávio Luiz Machado a Otávio Luiz Machado). Para Tunai, que foi estudante de Engenharia em Ouro Preto durante os primeiros festivais,

respeito com as pessoas da cidade. Por mais moleque que seja, tem hora que é preciso deixar a molecagem dentro da república. E as pessoas nem sabem que é molecagem. Acha que é agressão mesmo. Roubar galinha eu também achava que quando era de rico, ainda bem. Mas quando era de gente que precisava ai era complicado (...) São os limites das brincadeiras que eu acho que deve ter um certo limite, também (...) Era triste, porque você fazia as festas e esse pessoal não podia entrar. Você não deixava nem esse pessoal entrar nas festas de Ouro Preto, das repúblicas etc. Tinha o pessoal que tinha dinheiro e não gostava. É interessante a reação nossa à cidade de Ouro Preto" (Idem).

Após o golpe de 1964, o ambiente universitário ficou completamente dividido entre os estudantes de "direita" e os de "esquerda", que inclusive rivalizavam nas repúblicas de estudantes e nas disputas por cargos nos órgãos estudantis.

O Movimento Estudantil em Ouro Preto entre 1964 e 1969

O Brasil vivenciou uma forte tensão política a partir da renúncia de Jânio Quadros, em 1961. A política brasileira ficou marcada com aquele episódio, inclusive com o impedimento da posse de João Goulart (Jango) por forças militares. Em 1964, porém, nos momentos próximos ao golpe tais fatos puderam ser percebidos com os desdobramentos do Comício de 13 de março, que sinalizou a existência de um golpe em marcha há algum tempo e que dificilmente poderia ser interrompido. Associado à inexistência de uma resistência pelos militantes de esquerda, que ficou confirmada em seguida, entre 31 de março e 1º de abril de 1964, o golpe militar pôde ser constatado com a movimentação das primeiras tropas em Minas Gerais. O Presidente João Goulart deixava o poder e se exilava no Uruguai.

A pequena cidade de Ouro Preto foi marcada desde os primeiros dias do golpe com uma série de pichações e brigas entre estudantes, bem como das primeiras prisões políticas. O delegado da cidade, que estava devidamente munido de uma lista dos "subversivos" rascunhada por setores conservadores ou reacionários de Ouro Preto, iniciou nos três primeiros dias – com a ajuda de milícias civis armadas – diversas prisões de estudantes, políticos, operários e tantos outros que foram considerados "perigosos". Algumas prisões ocorreram dentro das repúblicas estudantis.

A bipolarização dos estudantes entre "comunistas" e "reaça" ficou mais clara após o golpe. Para Marcio Pereira, que foi preso em

1964, nos informou como as prisões foram realizadas: “começaram a ir na casa de um a um, fizeram uma milícia e os direitistas se apresentavam nestas milícias (armadas) como ‘voluntários’” (depoimento de Marcio Pereira a Otavio Luiz Machado).

A cassação dos Diretórios Acadêmicos foi outra inevitável consequência. Enquanto os líderes do movimento civil-militar consolidavam o golpe, também estavam sendo tomadas medidas para barrar qualquer reação. A destituição de todos os órgãos estudantis em Minas Gerais foi uma ordem do comandante do quartel-general do ID/4, o general Carlos Luiz Guedes:

“Como imperativo do Movimento Revolucionário em curso, há necessidade de renovação total nos Diretórios Acadêmicos, a fim de que seus Associados possam decidir democraticamente sobre o destino de suas Agremiações. Tendo em vista a infiltração comunista constatada nas mesmas, ficam, a partir deste momento, dissolvidas todas as diretorias de Diretórios Acadêmicos das Escolas Superiores do Estado de Minas Gerais, da União Colegial de Minas Gerais e suas filiais” (ofício de 14 de abril de 1964).

Os militantes estudantis que haviam sido presos em Ouro Preto nos primeiros dias do golpe começaram a ser soltos após as comemorações do dia 21 de abril de 1964. O Presidente Castelo Branco foi homenageado pelo Governador Magalhães Pinto em solenidade na Praça Tiradentes quando das comemorações cívicas em memória a Tiradentes e aos demais inconfidentes.

Mas os inquéritos de crimes contra a segurança nacional já estavam em curso, bem como os inquéritos internos da EMOP. O “Relatório de Crimes Contra a Segurança Nacional” de Ouro Preto - elaborado e concluído meses depois - foi um documento fundamental para compreender a situação. Coordenado pelo delegado da cidade, Sebastião Lucas, na apuração de possíveis crimes contra a segurança nacional foram indiciados políticos, estudantes, professores, metalúrgicos e comerciantes.

São os principais indiciados que destacamos abaixo:

- 1) Políticos: Benedito Gonçalves Xavier, Antônio Cardoso Roriz, Sebastião Francisco (Maria Preta), Julio Armando Fuertes, Kirki Geronimo e Aderilho Fernandes (todos vereadores);
- 2) Professores: Oswaldo Magalhães Dias e Antonio Pimenta;
- 3) Estudantes: Nuri Andraus Gassani, Antônio Carlos Moraes Sarmiento, Eduardo Teles de Barros (Amazonas), Ney de Almeida, Wagner Geraldo da Silva, Márcio Antônio Pereira,

Rômulo Freire Pessoa, José de Paula Vasconcelos, Frank Ulrich Helmuth Falkenhein, Osamu Takanohasi, Haroldo Pereira da Silva, Jacques Herskovic, Nelson Maculan Filho, Sérgio Antonio Pretti Maculan e Ivan Antônio de Tássis

Das testemunhas que prestaram depoimentos acusatórios contra os indiciados circularam as seguintes categorias: 1) Comerciantes: 02; 2) Professores: 01; Engenheiros: 01; Estudantes: 04; Ferroviários: 01.

Dos relatórios selecionamos alguns trechos dos depoimentos das "testemunhas" (considerados "dedo-duros") com opiniões sobre as atividades políticas de algumas lideranças estudantis presas e indiciadas entre abril e junho de 1964:

a) "[...] é elemento que sempre declarou ser comunista, constando em comentários, sem nenhuma prova, que teria ele um transmissor e que em certa época alguém da cidade teria ouvido o mesmo ([...], pelo rádio falando em linguagem que tinha a aparência de algum código que não chegara a ser decifrado" (Relatório de Crimes Contra a Segurança Nacional).

b) "O depoente auxiliou varias prisões, como voluntário (...) que [...] era doutrinador comunista, constando mesmo que tinha contactos diretos com o Kremlin, em Moscou, de onde recebia instruções" (*idem*).

Porém, o que foi mais interessante nos relatórios são as conclusões que os seus autores chegaram sobre a revolta estudantil de Ouro Preto, que não concordamos:

"Ao procedermos as presentes investigações no meio dos estudantes de Ouro Preto, verificamos que as condições de vida miserável que levam os estudantes da antiga Capital de Minas, suas dificuldades de aquisição de livros, caríssimos, levam-nos muitas vezes a adquirir livros de procedência russa, fornecidos a preços irrisórios. O desconforto numa cidade em que o preço das utilidades andam á beira da morte, de tão caros, podem levar aqueles estudantes a um estado de revolta, que os fazem esquecer de Deus e guiarem-se ao materialismo pagão" (Relatório de crimes contra a segurança nacional, Ouro Preto, 1964).

O acerto de contas entre os estudantes foi inevitável quando se passou os primeiros momentos do golpe. Muitos estudantes presos em abril de 1964 estavam se formando. Alguns ficaram mais tempo para concluir o curso em decorrência da prisão e do atraso nas matérias. Nas

primeiras reuniões dos estudantes o debate sobre os desdobramentos do golpe foram evidenciados:

"E teve uma reunião do Diretório em que eles não podiam mais ser chamados de colegas, mas se "senhores". E houve na assembléia o pessoal de direita que nos defendeu, porque não gostavam deste tipo de negócio. E: "fulano, fulano e fulano não são mais colegas, e sim, senhores". Deve ter sido em maio ou em agosto de 64" (Depoimento de Nelson Maculan Filho a Otavio Luiz Machado).

Muitas testemunhas nos inquéritos de 1964 sofreram discriminações dos colegas em seguida:

"Alguns poucos daqueles que eram ligados a esse pessoal dedo-duro nas repúblicas começaram a ser discriminados por uma maioria que foi formada após o golpe militar e de antipatia àquela situação. Muitas daqueles que eram de direita, manifestadamente da direita e que não tinham participado do golpe nem de formação de nenhum bloco que apoiasse o movimento militar, ficaram de certa forma contrários ao que nos foi feito como prisões, acusações e não sei o que (Antônio Carlos de Moraes Sarmiento a Otavio Luiz Machado).

A reorganização do movimento estudantil em Ouro Preto começou a ocorrer em 1965. Sob o comando de Hércio Pereira Fortes – que posteriormente seria assassinado pela repressão – o PCB foi devidamente consolidado em Ouro Preto. O mesmo mantinha uma ligação muito produtiva com o núcleo regional de Minas Gerais, que por sua vez estava com a liderança de Mário Alves. Tal grupo foi importante para a reorganização das entidades estudantis em Minas Gerais.

O DAEM na gestão de 1965² teve poucas condições de atuar, pois além da ameaça de intervenção, o seu funcionamento dependia de ajustes de estatutos e da devida aprovação das autoridades acadêmicas.

Mas o movimento estudantil foi reconquistando um pouco mais a sua força em 1966. A UEE de Minas Gerais, em ofício, convocou todas as entidades estudantis para as suas eleições que ocorreriam durante o XX Congresso Estadual dos Estudantes Mineiros. E com palavra de ordem contra a Lei Suplicy: "Temos hoje fôrça bastante para reafirmar nossa denúncia à Lei Suplicy, instrumento atentatório à livre

² O Diretório 1965-66 foi composto pelos seguintes membros: Presidente: Cleverson Cabral; Vice-Presidente: Ivan Antônio de Tassis; 1º Secretário: Benoni Torres; 2º Secretário: Jacques Harskovic; Tesoureiro: Rogério Vasques Benezath.

organização dos estudantes. Força que provém dos próprios estudantes e de sua consciência democrática, que não aceita as imposições ministeriais” (Ofício de 15 de maio de 1966).

Em Ouro Preto, também, nas comemorações do 21 de abril de 1966, os estudantes e militantes puderam também realizar protestos na solenidade. Houve ali um espaço para contestação aberta contra o Governo militar, embora também estivesse todo o aparato militar aguardando para reprimir. Assim, os estudantes deram uma importante demonstração de indignação, conforme o depoimento de Nilmário Miranda:

“O 21 de abril de 1966 ficou na história. Costa e Silva era Ministro da Guerra e veio até Ouro Preto. E foi realizada uma manifestação, onde vários estudantes em muitos ônibus vieram dispostos inclusive a ser presos, conseguiram surpreender e saíram daqui sem serem presos. Ali teve uma assembléia no DCE da Gonçalves Dias em Belo Horizonte com o povo que chegou de Ouro Preto. E dali ocorreu uma arrancada para uma chapa da UEE/MG (União Estadual dos Estudantes de Minas Gerais) muito combativa, que é muito vinculada ao 21 de abril de Ouro Preto. Ali também era um lugar de manifestação que fazia o Governo Militar. Sempre fez manifestações de apoio à ditadura utilizando o 21 de abril. Portanto, os estudantes se mobilizavam para protestar no 21 de abril” (Depoimento de Nilmário Miranda a Otávio Luiz Machado).

Ainda durante o ano de 1966 Minas Gerais contribuiria para o movimento estudantil brasileiro ao presidir o 28º Congresso Nacional de Estudantes da UNE que, mesmo oficialmente proibido pelo regime militar, funcionou com o apoio dos órgãos estudantis. A UNE realizava suas reuniões e eleições clandestinamente. O Congresso foi realizado num convento.

Para Poerner (1979, p. 274), o principal resultado do Congresso da UNE em Minas Gerais foi o lançamento de uma palavra de ordem contrária à política educacional do Governo e contra o próprio Governo, que desencadearia em setembro de 1966 nos protestos nas ruas de diversas cidades brasileiras, tanto contra a cobrança das anuidades, como contra atentado às liberdades democráticas expressos na repressão policial.

O DAEM em sua gestão 1966/67, que foi assumido por Jacques Herskovic¹ em agosto de 1966, alinhou-se com os movimentos estudantis que estavam atuando em Minas Gerais. Quando a UNE organizou em 22 de setembro de 1966 o movimento que ficou conhecido como o Dia Nacional da Luta contra a Ditadura, também em Ouro Preto ocorreu vários atos contra a ditadura militar.

Em Belo Horizonte, o período foi marcado pelo cerco aos estudantes no prédio da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas (UFMG). Segundo um dos “entrincheirados”, “colocamos as carteiras de todo o prédio, que tem mais de vinte andares bloqueando todos os acessos até o quarto andar ou quinto da Faculdade de Direito. E nos preparamos para a eventualidade de uma invasão, que seria respondida com uma resistência dos estudantes” (Depoimento de João Batista dos Mares Guia a Otávio Luiz Machado). A utilização de tais espaços universitários em situação de aquartelamento e de mobilização através de estados de greve nos prédios das faculdades foi cunhada por um dos presidentes do DCE da UFMG (Jorge Batista) como “grevilhas”, que seria uma mistura de greve com guerrilha.

No DAEM presidido por Lincoln Ramos Viana (1967/68)⁴, cuja atuação pôde ser mais efetiva, também foi dado mais alguns passos para se sair das amarras das intervenções. E ao mesmo tempo permitir que o movimento estudantil local estivesse mais sintonizado com os movimentos regionais e nacionais que já estavam reorganizados.

Para Ramos, além da mudança da tradicional vida estudantil foram importantes para a mobilização dos estudantes as palestras de formação política “onde se mostrava a realidade política do país e a necessidade de participação política em nosso meio estudantil” (Depoimento de Lincoln Ramos Viana a Otávio Luiz Machado). Por exemplo, no trote de 1967, ao invés de desfiles, os debates e o envolvimento dos calouros com leituras foram as atividades encontradas pelas lideranças para aumentar a participação dos estudantes no Diretório Acadêmico. Tal mudança contribuiu para o aumento da relação do DAEM com o conjunto dos estudantes, pois

¹ O Diretório 1966-67 foi composto pelos seguintes membros: Presidente: Jacques Herskovic; Vice-Presidente: Mário Rosa; 1º Secretário: Athaulpa Valença Padilha; 2º Secretário: Marcio Moreira; 3º Secretário: Tanísio Benedito de Araújo; Tesoureiro: Fernandes Pires de Azambuja.

⁴ O Diretório 1967-68 foi composto pelos seguintes membros: Presidente: Lincoln Ramos Viana; Vice-Presidente: Athaulpa Valença Padilha; 1º Secretário: Serafim Carvalho Melo; 2º Secretário: Benedito França Barreto; 3º Secretário: Douglas Senju Morishita; Tesoureiro: Cesar Epitácio Maia.

cumpriu seu objetivo ao conseguir “angariar a simpatia dos calouros” (Depoimento de Paulo Pavaneli a Otavio Luiz Machado).

Outra conquista do DAEM nesse mesmo ano foi a cessão de recursos da EMOP para a aquisição de mais casas para repúblicas, que ocorreu após a pressão dos estudantes acampados por vários dias na Praça Tiradentes. A justificativa do Diretório para o movimento foi o seguinte: “temos diversas repúblicas com ameaça de despêjo; temos colegas morando em verdadeiros padieiros sem a mínima condição de higiene; temos conhecimento da admissão dos novos colegas de 68” (Boletim do Diretório Acadêmico nº 4, novembro de 1967).

Também foi importante a mudança editorial do jornal *O Martelo*, que pertencia ao DAEM, ao passar a publicar trechos de citações de obras políticas consideradas “subversivas”. Foi o caso de obras Mao Tse-Tung, conforme depoimento de um dos responsáveis pelo jornal:

“Eu era também responsável pela edição do jornal do Diretório, O Martelo. E aí teve a grande primeira confusão (em relação ao jornal). Eu vinha para o Rio e rodava o jornal na Gráfica do Jornal do Commercio. E eu fiz duas edições. E foi a segunda que deu um problema mais grave, porque foram publicadas citações de Mao Tse-Tung do livrinho Vermelho, que não estava publicado no Brasil. E todo mundo queria ter aquele jornal, porque não estava ainda publicado no Brasil. E fiz uma anterior, que era sobre a Guerra do Vietnam, se eu não me engano. Enfim, uma outra edição também sobre a OLA (Organização Latino-Americana de Solidariedade), que era uma referência a Cuba” (MAIA, 2003).

E foi manifestada a gravidade da situação pelas autoridades escolares. Um exemplo foi o ofício enviado pelo Diretor da Escola de Minas, Professor Rômulo Soares Fonseca, ao Presidente do Diretório Acadêmico da Escola de Minas, que informava o seguinte:

“Como deve ser do conhecimento de V. S^a, circulou, há dias, nos meios estudantis nesta cidade, uma publicação, denominada “O MARTELO” de cunho nitidamente político-partidário. Tal publicação traz, em primeira página e sob o título, as expressões: “Um órgão do Diretório Acadêmico da Escola de Minas de Ouro Preto”. Ao D.A., de que V.S^a é Presidente, é vedada qualquer ação político-partidária como prescreve seu próprio regimento (Artigo 3º, parágrafo único) e também a Lei” (ofício datado de 26 de agosto de 1967).

O período de 1967/68 foi marcado por um forte movimento estudantil secundarista em Ouro Preto. A UCO (União Colegial Ouro-

Bretana), que era um dos pontos desta atuação estudantil em Ouro Preto, integrava-se aos demais movimentos sociais da cidade, pois a entidade contava com a liderança de Marco Antônio Victoria Barros (Play). Além de mudar a postura que a UCO tinha desde 1964, ainda contribuiu na realização de atividades políticas e culturais da cidade, como um evento cultural em 1967 que contou com debates, painéis e peças de teatro que discutia o movimento estudantil, o acordo MEC-USAID, o golpe de 64, a violência do regime e a conjuntura internacional. O evento contou a presença do DCE da UFMG, da UEE e da UBES. Para Pádua, que atuava na entidade, a UCO "era uma entidade que tinha um razoável peso. E era a única entidade estudantil na época aqui e congregava todos os estudantes do Colégio Arquidiocesano, estudantes da Escola Normal e do antigo Colégio Padre Lobo" (Depoimento de Antônio de Pádua a Otávio Luiz Machado).

Em Ouro Preto, o trabalho que de alguma forma uniu estudantes e operários foi a série de panfletagens no bairro Saramenha, pois ali estava instalada a filial da empresa multinacional Alcan (Alumínios Canadenses S.A.). Tal atividade permitiu uma grande aproximação entre o movimento estudantil e o movimento dos trabalhadores.

Ainda em 1967, na União Estadual de Estudantes (UEE) de Minas Gerais, quando houve um trabalho efetivo após a "eleição" clandestina de uma diretoria de esquerda, a presença dos principais representantes dos grupos políticos⁵ que militavam nas universidades mineiras unificou algumas bandeiras que os diversos setores do movimento estudantil defenderiam em conjunto. Foi "um dos raros momentos em que houve unidade das diferentes organizações revolucionárias que atuavam no movimento estudantil" (Depoimento de João Batista dos Mares Guia a Otávio Luiz Machado). Tal unidade não durou muito, porque na prática a entidade se desdobrou em duas UEEs: "uma UEE oficial, que passou a ser liderada por mim; e uma UEE paralela, que na prática não funcionou, porque não teve credibilidade e não teve repercussão" (*idem*).

⁵ Assumiram a Diretoria da UEE/MG basicamente os seguintes membros, com as seguintes representações: Doralina Rodrigues (Aliança Popular - AP); Raimundo Mendes (Aliança Popular - AP); Cesar Maia (Corrente Revolucionária de Minas Gerais); Sônia Lima (Corrente Revolucionária de Minas Gerais); João Batista dos Mares Guia (Comandos de Libertação Nacional - Colina).

No DAEM presidido por Serafim Melo⁶, a criação da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) foi uma das principais preocupações dos estudantes:

"... trabalhamos muito no DAEM para criação da UFOP, com diversas audiências com os Ministros de Educação da época, em Brasília e no Rio de Janeiro. Queríamos abrir mais vagas e mais cursos para os estudantes brasileiros. A Universidade era a alternativa. Entretanto tínhamos contrários na própria Escola que achava que a UFOP viria descaracterizar as tradições da EMOP. Realmente isto poderia ocorrer e acho que ocorreu. Mas e daí? Seria válido mantermos um "clá" cheio de privilégios em detrimento de uma maioria sedenta de escola superior de qualidade em nome de uma tradição?" (Depoimento de Serafim Carvalho Melo a Otávio Luiz Machado).

O movimento estudantil crescia tanto em participação como em ousadia. Numa das atividades de preparação do Congresso de Ibiúna, que ocorreu em outubro de 23 de julho de 1968 e foi repleta de apreensões, o estudante oriundo de Ouro Preto (Cesar Maia) foi preso portando boletins que convocavam os estudantes para o XXX Congresso da UNE. E foi defendido pelo jurista Sobral Pinto. Em um dos documentos enviados ao Tribunal Superior Militar, o jurista alegou o seguinte: "Cesar Epitácio Maia convocava o povo, não para subverter a ordem pública nem para levantar-se contra o Governo federal, estadual ou municipal, mas para apoiar a realização do 30º Congresso dos Estudantes" (SOBRAL PINTO, 1977, p. 106).

Em 13 de dezembro de 1968, o Governo decretou o Ato Institucional nº 5 (AI-5). Tal decreto permitia a cessão de amplos poderes ao Executivo, suspensão de direitos políticos, recesso do Congresso Nacional e a suspensão de ampla defesa com o fim do habeas-corpus.

Após o AI-5, em Ouro Preto, o Decreto-Lei 477 começou a fazer os primeiros enquadramentos. No final de 1969, Pedro Carlos Garcia Costa e Lincoln Ramos Viana foram desligados da Escola de Minas de Ouro Preto por meio de portaria assinada pelo Diretor da Escola de Minas da época, Professor Antônio Pinheiro Filho. Sobre o desligamento, Pedro Garcia analisou como a medida foi além:

"Até mesmo a forma de agir da direção da universidade foi extremamente maldosa e capciosa, porque ela me suspendeu em

⁶ Gestão do DAEM 1968-69: Presidente: Serafim Carvalho Melo; Vice-Presidente: Fidêncio Maciel de Freitas; 1º Secretário: Reginaldo Pires Rodrigues; 2º Secretário: Pedro Maciel Tavares; 3º Secretário: Romeu Delaroli; Tesoureiro: Maurício José Danese.

novembro e deixou para editar a portaria em março. Ou seja, neste caso ela me prejudicaria como me prejudicou por mais um semestre ainda no ano de 1973, porque me impediu naquele semestre já que eu não poderia me matricular para o primeiro semestre de 1973. Então na realidade foi uma suspensão de três anos que corresponderam a quatro anos da minha vida como elemento de perda e de afastamento com a Escola de Minas de Ouro Preto, porque eu não pude mais atuar e seguir nesta área" (Depoimento de Pedro Carlos Garcia da Costa a Otávio Luiz Machado).

Ainda em 1969, o Diretório, em busca de soluções para os problemas de ensino existentes na Escola de Minas, enviou um relatório (datado de 27 de novembro de 1969) a todos os ex-alunos associados à Associação dos Antigos Alunos, cuja tônica foi a seguinte:

"[trata-se de uma] análise que, embora com lacunas, foi feita com inteira honestidade e visando unicamente dar subsídios para solução dos graves problemas que vêm prejudicando o bom funcionamento da Escola e, conseqüentemente, o almejado preparo técnico-profissional de seus alunos", com a certeza "de que o senhor tomará uma posição de defesa da Escola".

O DAEM ao apresentar um documento em forma de síntese afirmando uma "situação crítica, fruto da rotina, indiferença e inoperância de administrações que se sucedem cometendo os mesmos erros", também apontava a inexistência de programas de pesquisa na Escola. Criticaram a Congregação, que contava com a presença de apenas 08 professores freqüentes de um total de 15, mas que centralizava "todas as decisões e carecendo inteiramente de qualquer iniciativa. As suas reuniões sob o ponto de vista das tão necessárias inovações, são, pois, inteiramente inoperantes". Quanto ao corpo docente relataram o seguinte: "lamentável a precária atual situação financeira do corpo docente que se dedica exclusivamente ao ensino. O seu salário é quase irrisório. (...) Há visto que, só neste ano, já abandonaram a Escola 11 professores, e outros tencionam a fazê-lo".

As conseqüências da situação crítica do ensino da Escola de Minas naquele período, conforme documento do DAEM, também visava esclarecer que, devido a falhas profundas na estrutura da Escola de Minas, o alto índice de reprovação era inevitável. O DAEM exemplificou com o seguinte número: apenas 48 estudantes estariam concluindo o curso dos 128 alunos que entraram em 1965. Também houve um elevado número de transferências e descontentamento com tantas

outras questões em relação à EMOP no período, conforme o documento estudantil.

Em 1969, o movimento estudantil da Escola de Minas da UFOP ainda teve condições de promover um debate sobre a melhoria do ensino e a implantação da UFOP, pois na gestão do DAEM presidida por José de Lourdes Motta⁷, a questão da reforma universitária estava na ordem do dia e foi debatida pelos estudantes da forma como foi possível num regime ditatorial.

Considerações finais

O golpe militar de 1964 provocou a interrupção da efervescência vivida pelos estudantes universitários até então. Além do fechamento de entidades estudantis, a prisão dos principais líderes estudantis nos primeiros dias do golpe, as universidades conviveram a partir daí com inúmeros IPMs (Inquéritos Policiais Militares) buscando averiguar possíveis crimes contra a “segurança nacional”.

Ao encerrarmos o texto, cremos ser possível concordar com um depoimento sobre o movimento estudantil de Ouro Preto: “Pouco se fala dele, mas ele foi crucial na resistência estudantil à ditadura, na reestruturação do PCB em Minas após o golpe, na formação da Corrente Revolucionária de Minas Gerais e da ALN, na constituição de um núcleo sindical politizado em Contagem e, finalmente, na estruturação da luta armada que se opôs à tirania” (Depoimento de Ricardo Apgaua a Otávio Luiz Machado).

O movimento estudantil no período indicado estava sem condições de ver atendidas suas reivindicações mínimas pelo Governo, nem pelas diretorias das faculdades e reitorias. Por outro lado, o crescimento vertiginoso do mercado de trabalho não era acompanhado do debate de novas propostas de formação profissional.

Sem condições de dar respostas aos problemas universitários, impedidos de debater o país e tendo-se iniciado um processo de desvalorização do diploma universitário, haja vista que o número de profissionais formados superava a demanda do mercado de trabalho, o movimento estudantil viu-se diante de uma contradição: foi autor de

⁷ A Gestão do DAEM de 1969/70 foi a seguinte: Presidente: José de Lourdes R. Motta; Vice-Presidente: Paulo César Pavanelli Moura; 1º Secretário: José César Caiafa Junior; 2º Secretário: Cláudio Ribeiro de Lacerda; 3º Secretário: José Vandir Nunes; Tesoureiro: José Thomaz Gama da Silva.

um projeto de reforma universitária mas foi rejeitado quando o governo resolveu fazê-la.

O que se pode concluir é que, na luta pela transformação da sociedade brasileira, as pautas específicas do movimento estudantil estiveram fortemente focadas na reforma do ensino e na questão da formação profissional no final dos anos 1950, e a partir daí passaram a estar mais associadas com uma luta política a medida que o compromisso com as reivindicações estudantis acabou por abranger a sociedade como um todo, porque adquiriu dimensão social a vinculação do jovem universitário ao processo de consolidação e expansão da ordem competitiva, levando-se em consideração que a juventude universitária que tinha a universidade como a última etapa preparatória para a entrada no mundo adulto, também a tinha como canal de ascensão social.

Documentos Consultados ou indicados para pesquisas

BRASIL. PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Lei nº 5.540, de 28 de novembro de 1968. Fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média, e dá outras providências.

_____. Decreto-Lei nº 477, 26 de fevereiro de 1969.

DEPARTAMENTO DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL - DOPS. *Termo de perguntas ao indiciado Cesar Epitácio Maia*. 1968.

_____. *Solicitações ao Diretor da Escola de Minas de Ouro Preto*. Vários. 1967 a 1969.

DIRETÓRIO ACADÊMICO DA ESCOLA DE MINAS DE OURO PRETO. *Atas de posse das Diretorias*. 30 de agosto de 1973 a 1998.

_____. *Atas das sessões ordinárias e Extraordinárias das Assembléias Gerais*. 24 de abril de 1954 a 20 de maio de 1965.

_____. *Atas das reuniões de Diretoria*. 26 de maio 1958 a 9 de junho de 1962.

_____. *Atas das reuniões do Conselho de Representantes dos alunos da Escola Nacional de Minas e Metalurgia da Universidade do Brasil*. 15 de maio de 1957 a 26 de outubro de 1962.

_____. *Boletins diversos*. Várias datas.

_____. *Relatório síntese da atual situação da Escola de Minas de Ouro Preto*, de acordo com a Comissão eleita pela Assembléia Geral do Diretório Acadêmico, assinada em 27 de novembro de 1969.

_____. *Ofícios diversos*. Várias datas.

- _____. *Ofícios. Pasta "Entendimentos com o Corpo Discente 1931-1946"*.
- _____. *Ofícios. Pasta "Entendimentos com a Diretoria da Escola, Conselho Técnico Administrativo Congregação da Escola" de 1931-1946, Primeiro Volume.*
- _____. *Ofícios. Pasta Correspondência com entidades estudantis (Casa do Estudante do Brasil, Diretórios Acadêmicos, etc) 1931-1946 Primeiro Volume.*
- DEPARTAMENTO DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL - DOPS. Relatório de Crimes Contra a Segurança Nacional. Ouro Preto, 21 de julho de 1964. DVS - 033.
- ESCOLA DE MINAS DE OURO PRETO. *Atas da Congregação*. Diversas sessões. Várias datas.
- _____. *Ofícios diversos*. Várias datas.
- _____. Portaria nº 54. Desligamento dos estudantes Lincoln Ramos Viana e Pedro Carlos Garcia Costa. 17 de novembro de 1969.
- _____. *Atas de 1973 a 2000.*
- UNIÃO ESTADUAL DOS ESTUDANTES/MG. *Ofícios diversos*. Várias datas.

Bibliografia

Livros e Artigos

- BOMENY, Helena. "A reforma universitária de 1968 25 anos depois". In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 26, p. 51-65, outubro de 1994.
- CARVALHO, José Murilo de. *A Escola de Minas de Ouro Preto: o peso da glória*. São Paulo: Editora Nacional; Rio de Janeiro: Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP), 1978.
- DULLES, John W. F. *A Faculdade de Direito de São Paulo e a Resistência Anti-Vargas: 1938-1945*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1984.
- FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque. *Da universidade 'modernizada' à universidade disciplinada: Atcon e Meira Mattos*. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1991.
- FORACCHI, Marialice Mencarini. *A juventude na sociedade moderna*. São Paulo: Pioneira, 1972.
- _____. *O estudante na transformação da sociedade brasileira*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1965.
- _____. *A Participação social dos excluídos*. São Paulo: Hucitec, 1982.
- FREITAG, Bárbara. *Escola, Estado e Sociedade*. 4ª ed. revista. São Paulo: Moraes, 1980.

- BORENDER, Jacob. *Combate nas trevas*. São Paulo: Ática, 1987.
- GRUPPO, Luís Antônio. *Uma Onda Mundial de Revoltas. Movimentos estudantis nos anos 1960*. Campinas: IFCH/UNICAMP, 2000. (Tese de Doutorado).
- IAHNI, Octavio. "O jovem radical". In: BRITO, Sulamita de. *Sociologia da Juventude I, da Europa de Marx à América Latina de hoje*, Rio de Janeiro, Zahar Editores, p. 225-242, 1968.
- LAPASSADE, Georges. "Os rebeldes sem causa". In: BRITO, Sulamita de. *Sociologia da Juventude III, a vida coletiva juvenil*, Rio de Janeiro, Zahar Editores, p. 113-123, 1968.
- MACHADO, Otávio Luiz. (org.) *Repúblicas de Ouro Preto e Mariana: trajetórias e importância*. Recife: Proenge, 2007.
- _____. "As repúblicas estudantis da Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil". In: *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Coimbra, Portugal, Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra, p. 197-199, outubro de 2003.
- _____. "O Festival de Inverno e os Arquivos do DOPS". In: *Estado de Minas*, Belo Horizonte-MG, 2002.
- MARTINS FILHO, João Roberto. *Movimento estudantil e ditadura militar*. Campinas: Papirus, 1987.
- MATTOS, Marco Aurélio Vannucchi Leme de. "Antônio Carlos Bicalho Lana: a trajetória de um guerrilheiro". In: KUSHNIR, Beatriz. *Perfis Cruzados: trajetória e militância política no Brasil*, Rio de Janeiro, Imago Editora, p. 87-105, 2002.
- POERNER, Arthur José. *O poder jovem - história da participação política dos estudantes brasileiros*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- _____. *O poder jovem - história da participação política dos estudantes brasileiros*. 2ª ed. Ilustrada, revisada e ampliada. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- RIDENTI, Marcelo. *O fantasma da revolução brasileira*. São Paulo: Editora Unesp, 1993.
- SOBRAL PINTO, Heráclito Fontoura. *Lições de Liberdade*. Belo Horizonte: Editora Comunicação; Editora da Universidade Católica de Minas Gerais, 1977.
- VALITUTTI, S. "Uma revolução juvenil". In: BRITO, Sulamita de. *Sociologia da Juventude III, a vida coletiva juvenil*, Rio de Janeiro, Zahar Editores, p. 125-129, 1968.
- VELASCO E CRUZ. *Movimento estudantil e crise na política brasileira*. Campinas: IFCH/UNICAMP, 1991.